

1- JESUS E A ASSISTÊNCIA

Por que teria Jesus multiplicado os pães para a multidão que lhe ouvia a palavra?

Decerto que se o maná da revelação pudesse atender, de maneira total, às necessidades da alma no plano físico, não se preocuparia o Senhor em movimentar as migalhas do mundo para satisfazer à turba faminta.

É que o estômago vazio e o corpo doente alucinam os olhos e perturbam os ouvidos, impedindo a função do entendimento.

O viajante perdido no deserto, atormentado de secura, não compreenderá, de pronto, qualquer referência à Justiça Divina e à imortalidade da alma, de vez que retém a visão encadeada à sede que lhe segregou o espírito em miragens asfixiantes. Ao portador da verdade compete o dever de mitigar-lhe a aflição com a gota d'água, capaz de libertá-lo, a fim de que se lhe reajustem a tranqüilidade e o equilíbrio.

A obra espírita-cristã não se resume, pois, à predicação pura e simples.

Jesus descerrou sublimados horizontes ao êxtase da Humanidade, mas curou o cego de Jericó, refazendo-lhe as pupilas. Entendeu-se com os orientadores de Israel, comentando a excelsitude das Leis Divinas; entretanto, consagrou-se à recuperação dos alienados mentais que jaziam perdidos nas trevas. Indicava a conquista do Céu por meta divina ao vôo das esperanças humanas; contudo, devolveu a saúde aos paralíticos. Referiu-se à pureza dos lírios do campo; todavia, não esqueceu o socorro aos leprosos, em sânie e chagas. Transfigurou-se em nume celeste no Tabor, mas não desprezou a experiência vulgar da praça pública.

É que o Evangelho define a restauração do homem total.

A alma humana é a crisálida do anjo, como a Terra é material para a edificação do Reino de Deus.

Desprezar a fraternidade uns para com os outros, mantendo a flama do conhecimento superior, será o mesmo que encarcerar a lâmpada acesa numa torre admirável, relegando à sombra os que padecem, desesperados, ou que se imobilizam, inermes, em derredor.

2- ASSISTÊNCIA COMO DEVER

É indispensável o culto da solidariedade como simples dever. Todos possuímos algo para dar.

O níquel da assistência consoladora...

A roupa esquecida ou imprestável...

O pão que sobra à mesa...

A frase reconfortante...

O livro renovador...

A Bênção de uma prece...

Não nos reportamos, porém, à esmola suplicada. Dizemos da ação espontânea do amor fraterno que procura os companheiros menos felizes para socorrê-los nas provas difíceis e deprimentes, copiando a Infinita Bondade Celestial que não nos aguarda atitudes mendicantes para doar-nos a luz do sol.

Se recolhemos a bênção do Senhor, em cada instante da estrada, é justo saibamos estendê-la aos que nos cercam, em nome do Cristo Vivo que não nos desampa.

Precisamos da lídima caridade uns para com os outros, como necessitamos do ar que nos sustenta.

Caridade sem tributo de gratidão.

Caridade sem ostentação de virtude.

Caridade como saúde da alma.

Caridade como hábito justo.

Caridade como inadiável obrigação.